

02

PORTUGUÊS NO MUNDO /
PORTUGUESE OVERSEAS



ANTÓNIO CONTADOR PARIS

/// Prepara um doutoramento em Estética na Sorbonne e, pelo caminho, descobriu-se na performance. Observador nato e pensador humorado é um intelectual sem bazófia e um francês-português diferente da maioria.

/// While preparing his doctorate in aesthetics at the Sorbonne, he discovered his true self in performance. A natural observer and amusing thinker, António Contador is a down-to-earth intellectual and a French-Portuguese who's a little out of the ordinary.

por / by **PATRICIA BARNABÉ**
foto / photo **GUILLAUME VIEIRADOC**



Nasceu em Vitry-sur-Seine, em 1971, nos “arredoríssimos de Paris”, onde hoje está implantado o Mac/Val – Museu de Arte Contemporânea do Val-de-Marne, que não existia quando ele lá viveu, até aos 18 anos. Veio para Portugal e regressou a França em 2006. “Voltei a Paris para voltar a Paris”, diz. “Não fiz planos, a não ser o de querer estudar, e esta cidade era uma das hipóteses bem gostosas. Não me arrependo nem um bocado”, afirma.

Em Lisboa, tinha cursado (“gosto deste verbo”) Economia no ISEG e Sociologia no ISCTE e agora faz um doutoramento em Estética na Sorbonne. “Em todas as decisões de estudar isto ou aquilo estava a convicção de que era o que me fazia feliz. Errei sempre. Hoje, arrependo-me de ter escolhido Economia e Sociologia. Talvez me venha a arrepender de ter escolhido Estética. Arrependo-me de tudo o que faço. Mas é por isso que o faço: para ter razões para começar outra coisa. Sou um começador. Um eterno começador.”

O tema do seu doutoramento é a espera, “como experiência pura e simples do tempo a correr em cada um de nós, fazendo aqui e ali, subitamente, aparecer revelações mais ou menos importantes.” E o que o levou a este tema foi o destino, “o puro destino”, sem mais explicações.

Entretanto, despertou para a performance, para lá dos trinta anos. “Descobri que era isto que queria fazer tarde. Mas no fundo quero é fazer nada, o que me obriga a ser um tipo esforçado que, paradoxalmente, tem que trabalhar muito, suar muito, para levar a sua avante. Na alma, sou um espetador, um leitor, um contemplador, mas não sei ficar-me por aqui, não sou suficientemente místico para tal. Não tenho alma de artista. Tudo o que faço sai-me a toque de muito lutar contra a minha aptidão para a contemplação.”

Normalmente, António Contador escolhe trabalhar em equipa. “Gosto da energia que sai desse conjunto de pessoas, no querer pôr de pé uma

He was born in Vitry-sur-Seine, in 1971, on the “outer outskirts of Paris”, where the Mac/Val – Musée d’Art Contemporain du Val-de-Marne is located. During the time he lived in the town (he left at the age of 18) there were no such cultural institutions to enjoy. He moved to Portugal and then returned to France in 2006. “I returned to Paris to return to Paris”, he says. “I made no plans, other than wanting to study, and this city was one of the choice options. I don’t regret it one little bit”.

In Lisbon, he studied economics at ISEG and sociology at ISCTE and now he’s doing a doctorate in aesthetics at the Sorbonne. “All the decisions to study this or that were based on the belief that it would make me happy. I’ve always got it wrong. Nowadays, I regret having chosen economics and sociology. Perhaps I will regret having chosen aesthetics. I regret everything I do. But that’s why I do it: to have a reason to start something else. I’m a starter; an eternal starter.”

The subject of his doctorate is waiting, “as the pure and simple experience of time elapsing in every one of us, something that, suddenly, here and there gives rise to revelations of varying importance.” And what led him to this theme was destiny, “pure destiny”; nothing more, nothing less.

In the meanwhile, already well into his thirties, he became interested in performance. “I found out that it was this that I wanted to do later in life. However, deep down, I don’t want to do anything, which paradoxically makes me hardworking; someone who has to sweat to achieve things. In my soul, I’m a spectator, a reader, someone who contemplates, but I can’t just do this, I’m not mystical enough. I don’t have an artist’s soul. Everything I do is the result of a struggle against my capacity for contemplation.”

Normally, António Contador prefers to work in a team. “I like the energy that comes from people together, the desire to create something from emotional and intellectual areas that can often be very different and even contradictory. But, in fact, I’ve always liked what’s left out more –

O PERFORMER / THE PERFORMER

Entre outros projetos que apresentou em Portugal (na ZDB, na Flur ou em galerias de Lisboa), fez recentemente uma “leitura de tudo o que havia para ler - livros, etc. - e o mais depressa possível, em casa de um casal alemão que vive em Paris e abre as portas para performances e exposições de em vez quando” (www.cafeaulit.de). Também se juntou a uma amiga artista, Julie Béna, num percurso pelas ruas de Ivry-sur-Seine (como Vitry-sur-Seine, pertíssimo de Paris) no meio do qual estavam dispostas de forma pouco evidente obras de artistas convidados. “A nossa performance assemelhou-se a um jogo onde eram dadas falsas pistas e quase toda a gente viu falsas obras ou potenciais obras onde não as havia.” (<http://antoniocontador.net/projects/le-chat-est-dans-la-foret>). E fez ainda uma performance para o evento Experiencz II, este ano, com o auxílio da banda filarmónica da polícia de Bruxelas (<http://antoniocontador.net/projects/tu-te-tus/>) “As conversas preliminares com o condutor da banda foram divinos. Adorei conhecê-lo, é um apaixonado por música militar e por história das guerras, como eu.”

In addition to projects he has had in Portugal (at ZDB, Flur and galleries in Lisbon), he recently gave “a quick overview of everything there was to read (books, etc.) in the home of a German couple living in Paris and who occasionally open their home up for performances and exhibitions” (www.cafeaulit.de). He also teamed up with an artist friend, Julie Béna, on the streets of Ivry-sur-Seine (like Vitry-sur-Seine, close to Paris), where the work of guest artists were subtly exhibited. “Our performance was like a game where false clues were given and almost everyone saw false works or potential works where there weren’t any.” (<http://antoniocontador.net/projects/le-chat-est-dans-la-foret>). This year, he also did a performance for the Experiencz II event, with the help of a police brass band from Brussels. (<http://antoniocontador.net/projects/tu-te-tus/>) “The preliminary discussions with the band’s conductor were wonderful. It was great meeting him, and he loves military music and war stories, like me.”



“Ninguém gosta de uma cidade assim por gostar, e eu não fujo à regra. Paris exige muito das pessoas: é dura, desgastante, barulhenta, povoadíssima, mas cheia de surpresas humanas, arquitetônicas, culturais. E tem energia.”

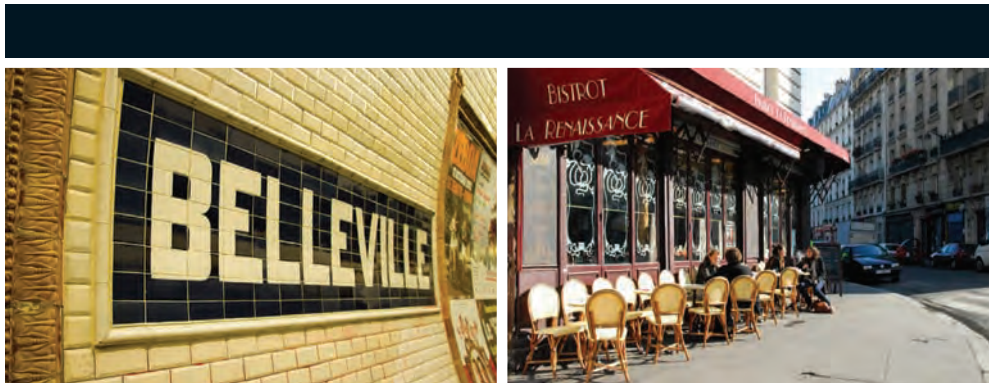
“Nobody likes a city for the sake of it, and I’m no different. Paris is very demanding: it’s tough, wearing, noisy, crowded, but full of human, architectural and cultural surprises. And it’s got energy.”

coisa a partir de vértices afetivos e intelectuais por vezes bastante diversos ou mesmo contraditórios. Mas, na verdade, agrada-me sempre muito mais o que fica de fora – todo o processo a montante – do que a obra feita. Prefiro sempre mais as longas conversas e as passeatas, para ajudar a fazer sair o anjo da obra. No fundo, estou-me nas tintas para a obra. Do que gosto mesmo é de estar com as pessoas. Prazer na esfumação do tempo a contemplar. Não costumo falar do que fiz e se pudesse apagava tudo. Não para começar de novo, mas para deixar a folha em branco outra vez.”

Sete anos depois, continua em França, “por amor a Paris”. “Ninguém gosta de uma cidade assim por gostar, e eu não fujo à regra. Paris exige muito das pessoas: é dura, desgastante, barulhenta, povoadíssima, mas cheia de surpresas humanas, arquitetônicas, culturais. E tem energia.” Também aprecia a facilidade com que se atravessa a pé e a sua eficaz rede de transportes públicos. O que admira mais nos parisienses “é uma mistura entre ‘arrogância/ética do fazer bem/elegância discreta’”. De Portugal, sente saudades “da simplicidade, que é quase uma ética congénita lusa, do carinho, que é uma espécie de afeto simples, humilde. Tenho saudade disso: do carinho e da simplicidade. E dos meus pais, amigos e pardais aos ninhos.”

the whole process beforehand – than the finished work in itself. I always prefer the long conversations and the various trips, to help find inspiration. Deep down, I don’t really care about the work. What I like is being with people; the pleasure of blurring the lines of the time to contemplate. I don’t normally talk about the things I’ve done, and if I could, I’d erase everything. Not to start over but to have a clean sheet again.”

Seven years later, he’s still in France, “for the love of Paris”. “Nobody likes a city for the sake of it, and I’m no different. Paris is very demanding: it’s tough, wearing, noisy, crowded, but full of human, architectural and cultural surprises. And it’s got energy.” He also likes the fact that it’s easy to walk around and the efficiency of its public transport system. What he admires most in the Parisians “is a mixture of ‘arrogance/the ethics of doing the right thing/discreet elegance’”. What he misses about Portugal is “the simplicity, which is almost a congenital Portuguese ethic; the tenderness, which is a kind of simple and humble affection. I miss that: the tenderness and simplicity. And my parents, friends and all that goes with it.”

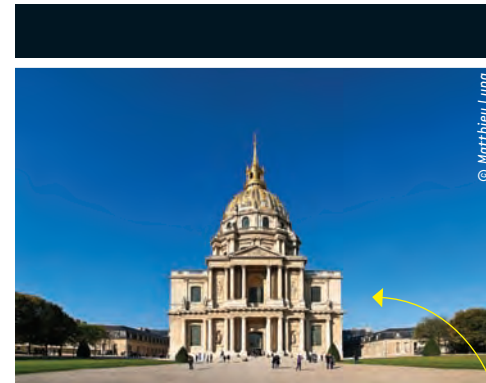


DIAS BEM PASSADOS / DAYS WELL SPENT

“Gosto do ritual de ir às inaugurações das galerias. Sobretudo às sextas, ao final da tarde, no bairro de Belleville, quando há inaugurações nas galerias locais. Costumam ser todas, ou quase, no mesmo dia”. Outro programa favorito é ir com a família, ao sábado ou domingo, a um *vide-grenier*, uma espécie de feira de rua de coisas em segunda mão. Acontecem normalmente numa parcela de bairro e os vendedores são, regra geral, os habitantes do lugar. “O ambiente é salutar e convivial.” “Um deleite familiar são as idas às vendas de caridade nas igrejas parisienses, sobretudo perto do Natal e no início da primavera. Gosto do ambiente cristão.” Para o dia acabar em beleza, o jantar é no bistrô La Renaissance, que é bom e até fica perto de casa.

<http://brocabrac.fr/index.php?dept=75>
www.bistrotlarenaissance.fr

“I like the ritual of going to gallery openings, particularly on Friday afternoons in the Belleville quarter, when there are inaugurations at the local galleries. Usually, they all (or almost all) happen on the same day”. Another favourite pastime is going with his family on a Saturday or Sunday to a *vide-grenier*, a kind of street fair with second-hand items. They normally happen in specific parts of a neighbourhood and the sellers are usually local residents. “The atmosphere is healthy and sociable.” Other interests include charity sales in Parisian churches, especially around Christmas time and early spring. “I like the Christian ambience.” To end the day in style, dinner is at the bistro La Renaissance, which is good and close to home.



OS SEUS LUGARES EM PARIS / HIS PARISIAN PLACES

Além dos arredores, António tem entre os seus lugares de eleição na capital francesa a Biblioteca Nacional, o Museu das Cartas e dos Manuscritos e os Invalides - Museu das Forças Armadas.

Apart from the city outskirts, some of António’s favourite places in the French capital include the National Library, the Letter and Manuscript Museum and the Invalides - Armed Forces Museum.

www.museedeslettres.fr/public
www.musee-armee.fr/accueil.htm

